

AS TESSITURAS PSICANALÍTICAS DO SUJEITO FEMININO E A LINGUAGEM DO DESLIGAMENTO EM *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*, DE CLARICE LISPECTOR

Rosidelma Pereira FRAGA*
Jorge Alves SANTANA**

- **RESUMO:** Este artigo tem como objetivo fulcral investigar a representação psicanalítica do feminino no romance *A paixão segundo G.H.*, a fim de ponderar como os temas angústia, prazer, sofrimento, melancolia, castração, aborto e *daimonismo* se processam na obra de Clarice Lispector. No romance, percebe-se uma narrativa alegórica da relação do sujeito feminino reprimido e ao mesmo tempo de uma explosão libidínica de um sujeito múltiplo, demarcado na personagem G.H. que passa pela *via crucis*, pois a heroína aprende que para viver era preciso morrer. A proposta será arregimentada com os pressupostos teóricos Sigmund Freud, Jacques Lacan e a estudiosa norte-americana Camille Paglia. Considerar-se-ão alguns apontamentos da crítica literária sobre o romance da autora, a saber: Nadia Gotlib, Olga Borelli, Olga de Sá, Ruth Silviano Brandão, Benedito Nunes, Benjamin Moser, a tese de doutoramento da pesquisadora Luciana Borges, Maria Rita Kehl e alguns trabalhos sobre as ondas do movimento feminista no Brasil e as considerações de Simone de Beauvoir. O artigo será dividido em duas partes. Na primeira, discutir-se-ão as cartografias da linguagem subjetiva na perspectiva pré-edípica. Na segunda, objetiva-se analisar a representação da linguagem do desligamento e as configurações dos movimentos feministas no romance selecionado para o *corpus*.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito feminino. Linguagem. Psicanálise. Clarice Lispector.

* Doutoranda em Letras e Linguística, na área de Estudos Literários. Bolsista do CNPq, orientanda da Prof^a Dr^a Goiandira Ortiz de Camargo. UFG – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Goiânia – GO – Brasil. 74633-520 – rosidelmapoeta@yahoo.com.br.

** UFG – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia – GO – Brasil. 74633-520 – jsantana1@uol.com.br.

Artigo recebido em 30 de setembro de 2010 e aprovado em novembro de 2010.

As cartografias psicanalíticas na linguagem subjetiva: angústia, luto, melancolia, castração e natureza ctônica em Clarice Lispector

O romance *A paixão segundo G.H* (LISPECTOR, 1986), dentre muitas probabilidades de exegeses, comporta uma leitura pelo viés psicanalítico no que tange à representação do feminino, investigando temáticas universais¹ de acordo com os subtítulos desdobráveis deste artigo. Tais temas podem ser somados à linguagem do desligamento na escritura feminina, bem como nos projetos do movimento feminista recorrentes na obra clariceana². A obra desencadeia uma aguda tensão psicológica, cujo ambiente narrativo assume um perfil de “sanatório espiritual”, de onde a personagem caminhará para a renúncia/entrega de si mesma e ainda no processo de compreensão de um sujeito que estará sempre em gerúndio: “o ser sendo”. Sob o prisma de conhecimento interior de um sujeito existencial, a personagem assemelha-se assaz com a visão do oráculo de Delfos “conhece-te a ti mesmo” como se poderia associar à investigação sobre o cuidado de si nas práticas filosóficas que Michael Foucault (2004) realiza em *A hermenêutica do sujeito*, ao descrever o arquétipo de subjetivação antiga para tornar inteligível a precária maneira de subjetivação moderna³.

Inicia-se a análise reflexiva a respeito da conotação do título. Pode-se asseverar que a paixão advém da relação externa e interna, desde o instante em que G.H enfrenta a barata e emana o elo afetivo numa perspectiva de litania e epifania. Dilacera-se um paralelismo bíblico na apropriação profana em que G.H se desdobra em protagonista e narradora de sua paixão. Em consequência, pode-se dizer que o título *A paixão segundo G.H* sugere duas leituras: uma ligada à paixão ou gozo do corpo e outra direcionada à paixão de Cristo, por excelência, a paixão pode ser direcionada à relação do místico. Entende-se que há uma narrativa alegórica da relação do sujeito feminino reprimido no que se refere ao corpo da mãe e ao mesmo tempo de uma explosão libidinosa do ser múltiplo, demarcado na personagem G.H que vai se metamorfoseando, ao passar pela *via crucis*, pois ela aprende que para viver é preciso morrer. Tal leitura é plausível se o leitor associar o título do romance ao discurso adotado pela narradora. Sob esse prisma, a camada branca da barata pode simbolizar a comunhão. GH comunga a barata para chegar à libertação e encontrar

¹ Considera-se que as várias temáticas da obra clariceana a serem investigadas neste artigo como universais e por assim classificarem, são capazes de transcendência e possíveis de estudo em qualquer época, tendo em vista que, segundo o formalista russo Tomachevsky (1973), o grande escritor deve priorizar a temática da universalidade na obra literária.

² Embora seja mais correto utilizar a adjetivação do sobrenome do autor, optou-se pelo nome em virtude da dicção melhor e por já ser adjetivo em uso aceitável pela crítica literária em vez de lispectoriana. Assim, usar-se-á a adjetivação do segundo nome somente quando for citação direta.

³ *A hermenêutica do sujeito* (FOUCAULT, 2004) poderia ser uma das bases fulcrais para o desenvolvimento deste trabalho. Contudo, seguir-se-ão os pressupostos teóricos definidos no resumo deste artigo por questões de delimitação do *corpus* teórico previamente definido nas aulas de Literatura e Psicanálise.

seu próprio eu. No entanto, o leitor há de perceber que para se chegar à eucaristia a personagem passará por todos os experimentos de Cristo antes da morte: o medo, a tentação, a angústia e até mesmo depois do encontro entre mãe e filho: “Bendita és tu entre as mulheres”.

O biógrafo americano Benjamin Moser (2008), na obra *Clarice*, elucida que a camada branca e a substância de sal que saem da barata levam à exegese do ápice da inumanidade, posto que G.H utiliza-se da

[...] tentativa de civilizar a barata sobre seu gosto; [...] privada de sal, de transcendência e civilização, e, de modo desolador, não mais capaz de encontrar esperança e beleza humanas no mundo, G.H é deixada com a substância que sai da barata. É o ápice da inumanidade. (MOSER, 2008, p.386).

Assim, para que o conhecer a si mesmo se efetive, a narradora realiza um diálogo mudo em que humano e inseto se colocam no limiar de uma náusea e desejo de viver. Para vencer a repulsa pelo inumano, a protagonista terá que praticar o ato que tanto parece ser sagrado como demoníaco. Segundo Olga de Sá (1979, p.154) “[...] a epifania lispectoriana nem sempre é radiosa, às vezes tem um sentido demoníaco”. Entretanto, instaura-se, constantemente, a ambiguidade no romance, uma vez que ao se misturar com o imundo e proibido, G.H imerge no sentimento de culpa e quando o invólucro é cindido ocorre também uma espécie de eucaristia entre barata e mulher, intertextualizando com a figura sagrada de Maria, mãe de Jesus: “*Mãe, [...] de dentro do invólucro está saindo um coração grosso e branco e vivo com pus, mãe, bendita sois entre as baratas, agora e na hora desta tua minha morte, barata e jóia*”. (LISPECTOR, 1986, p.61, grifo nosso).

Uma das possibilidades de leitura para a quebra de invólucro contida na citação acima se refere à angústia acarretada pela morte. Tal perda explica-se com o texto *O mal – estar da civilização*, de Sigmund Freud (1974a). G.H quebra não só o seu invólucro, como também o da barata e, nesta comunhão, ela necessita vencer o sentimento de repulsa e de seu medo por barata até a confissão de adoração no final do romance. Minuciosamente, G.H se confunde com o próprio inumano: “a barata de súbito vomitou pela sua fenda mais um surto branco e fofo”, escreve Lispector (1986, p.86). *O mal – estar na civilização* permite a agregação com o romance no que diz respeito aos impulsos e desejos da felicidade, os quais tanto podem provocar a explosão do sofrimento, como a liberação do prazer, exatamente o que incide com a personagem G.H e sua alegria imunda em decorrência de seu desejo pela quebra do invólucro.

Conforme Sigmund Freud (1974c), a busca da felicidade humana se constitui como alternativa capaz de levar ao sofrimento e aquela intensa realização do prazer

que ocasiona a felicidade por meio dos instintos. Por excelência, Freud explica que o sentimento de alegria deriva-se de um impulso selvagem e instintivo que não pode ser domado pelo ego, pois a satisfação de um instinto é dada pela irresistibilidade. Deste modo, tal instinto explode no momento em que G.H resolve abrir as portas para o prazer libidinoso e pelas coisas proibidas. Utilizando-se das propostas freudianas, convém elucidar que GH mergulha em seu próprio inferno ao buscar o prazer. Num sentido nietzschiano, a personagem demonstra que o indivíduo cria sua própria tragédia, porque ao desejar o imundo ela delineou seu próprio destino e descortinou o prazer perigoso:

[...] lembra-te que eu comi do fruto proibido e não fui fulminada pela orgia do ser. Por eu ter mergulhado no abismo é que estou começando a amar o abismo de que sou feita [...]. A identidade pode ser perigosa por causa do intenso prazer. (LISPECTOR, 1986, p.141).

A personagem explicita que o Amor, um pecado maior, é uma carência e aprende que ela passou da órbita da monotonia e/ou da solidão para o universo da terra e da orgia puritana. Por esta razão, dilacera-se a procura pelo leite no encontro afetivo que, segundo a narradora de Lispector (1986, p.152), era um “engodo suave”, sendo que a orgia de GH “vinha de seu próprio puritanismo”, porquanto, o prazer “a ofendia”.

Dentro desse universo de orgia mística, existencial e transcendental, G.H mergulha num ato de conhecer a si mesma, adentrando no universo do outro e na busca de seu eu que, aos olhos do leitor, nunca se torna pleno. Esse processo, segundo Jacques Lacan (1998), seria como a imagem do espelho narcisista, a fim de explicitar o gozo do eu numa incansável procura que se traduz pela “ruptura do círculo que liga o mundo interno ao mundo externo e engendra a quadratura inesgotável das reafirmações do ego”⁴. Em *As formações do inconsciente*, Lacan (1999, p.112) pondera o falo como sendo uma reprodução do impulso e diz: “[...] o falo representa a intrusão do impulso vital [...] e a castração se introduz no lugar em que se manifesta a castração no Outro, isto é, na mãe – e isto tanto para a menina como para o menino – é o desejo do outro que é marcado pela barra”. O psicanalista explica a castração direcionada à falta do gozo outro e este na perspectiva adotada é a espinha dorsal da subversão do sujeito, pois Lacan assevera que pela falta de consumação plena do desejo o sujeito se torna castrado como é o caso da personagem G.H. Isto se o leitor adentrar por uma leitura psicanalítica, uma vez que o sujeito nunca se encontra, nunca chega à realização de seu universo interior, de seu eu. Ao leitor, essa busca introspectiva de G.H parece estar justamente na carência de gozo e de completude.

⁴ Cf. citação em Kehl (1988, p.412), do livro *Le satade du miroir comme constitutif de la fonction du je*.

Para que isso se configure, ela precisa chegar à transcendência que, para Benedito Nunes (1989), equivale à própria imanência do ser, por via da oposição morte e vida mencionada algures.

Sob esse prisma, o sujeito pode ser associado ao jogo de sedução da linguagem que permeia dois modos de ver e sentir: a angústia e o gozo. Para a estudiosa Maria Rita Kehl (1988), no ensaio “Masculino/feminino: o olhar da sedução”, a experiência da “sedução” é diferente da “paixão”, a mesma que toma título da obra de Clarice Lispector:

[...] o seduzido não sabe onde pisa e pensa que o sedutor sabe. Antecipa prazer e dor, pois, ao mesmo tempo em que se espera o gozo prometido, já sabe que se aproxima de uma catástrofe. *O seduzido é alguém que perde o rumo e tem que se guiar, nas brumas de uma infância revisitada*, pela bússola do olhar sedutor. (KEHL, 1988, p.411, grifo nosso).

Como adensamento da angústia vivida por G.H, outro fator preponderante no romance é a temática latente do luto e da melancolia que pode ser compreendida com o texto *Luto e melancolia* de Freud (1974c). Para ele, a tristeza liga-se fortemente à perda de objeto, posto que “a melancolia está direcionada a uma perda objetual retirada da consciência”. É bastante visível o retrato da melancolia ocasionada pela perda em G.H. O leitor compreende que, diante das incertezas da existência, a protagonista investiga a si mesma e dilacera a angústia de alma humana que chega a assemelhar ao inferno, de onde ela começa a gritar pelo socorro de uma mão que não se estende e estará em toda a narrativa, no sonho e no inconsciente, assim como a falta de uma terceira perna que pode simbolizar a busca do outro. Na obra *A estética da melancolia em Clarice Lispector*, Joana Laura da Cunha dos Santos (2000, p.145) interpreta que,

[...] com a perda da terceira perna, G.H tentará a caminhada tropeça que a conduzirá ao centro de suas cascas submersas pela superficialidade da casca artificial. A autopreservação é substituída pelo tatear de alguém que, a todo custo, quer descobrir novas identidades.

Diante disso, elucida-se que, ao realizar a busca inesperada de uma figura estranha, G.H irá, sem dúvida, cultivar uma aventura na essência de suas cascas que simbolizam o “si mesmo”, ou o “ser sendo”, através de um “sujeito enjaulado”⁵

⁵ Em “La referencia desobrada: el sujeto lírico entre la ficción e la autobiografía”, o autor Dominique Combe (1999) assevera que o sujeito enjaulado equivale a uma espécie de um eu que se esconde atrás da “máscara da ficção autobiográfica” que muitas vezes se confunde com o “eu empírico”. Esta teoria pode ser aplicada ao sujeito ficcional G.H e serve para trabalhar a autobiografia em Clarice Lispector, conforme já estudaram a brasileira Nádia Godlib (1995, 2008) e o biógrafo americano Benjamin Moser (2008).

que procura se libertar da melancolia, numa “alegria difícil” como disse G.H, ao instaurar a oposição entre melancolia e alegria, a partir do desencadeamento de sua solidão. Entretanto, não se trata exclusivamente de sentimentos existenciais, porque desse conflito antagônico nasce outro conflito social. Este pode ser visto no instante em que a personagem se isola em seu apartamento, podendo representar a resistência da mulher frente a um universo desumano, reduzido ao nada e ao execrável. Em outras palavras, se o leitor associar “o nada que cada sujeito se torna” ao ser desconhecido – representado pelo quarto da empregada que atraiu G.H – poderá entender que se trata de um nada simbólico. O execrável reside na experiência do sujeito em contínuo aprendizado com a vida cotidiana. Clarice Lispector declarou a Olga Borelli (1981, p.16), em *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, que “estar plena do nada é resultado de uma longa e penosa aprendizagem”.

Outro substantivo para ser pensado no sujeito feminino clariceano é a castração já associada às palavras de Lacan anteriormente. Segundo Freud, o descobrimento da castração materna relaciona-se com a sua teoria do Édipo acerca da satisfação sexual. Sob o prisma do freudismo, Kehl (1988) explica que a criança descobre a castração materna, ao constatar a ausência de pênis na mãe, uma vez que se a criança renega a castração materna e reage contra ela precisa ativamente colocar algo no lugar da falta percebida:

[...] esta falta é o fetiche, objeto do desejo. Objeto do imaginário investido na energia libidinal, que procura dar conta de suas correntes psíquicas: a que percebe a falta – pois o fetiche, estando no lugar do pênis materno, já afirma por si só a ausência, refazendo o falo materno com algum representante imaginário. (KEHL, 1988, p.415).

Comparando esta argumentação com a carência, a procura pelo gozo e o fetiche da alegria difícil de G.H, pode-se perceber que a falta da maternidade e a opção pelo aborto representam, a rigor, a mulher castrada, cujo gozo foi interrompido. Porém, se associarmos aos pressupostos do movimento feminista, nota-se que a castração e o aborto entrariam no lugar da liberdade feminina, peculiar das políticas sociais e da recusa pela repressão imposta pela época.

Sobre o tema da castração, cita-se o texto *Conferências introdutórias sobre o feminino*, de Sigmund Freud (1974a), no qual ele sustenta a tese do amor pré-edípico da filha com a mãe. A menina sente-se castrada, culpando a mãe por não ter nascido com o pênis e ter que seguir eternamente o destino da feminilidade. Por conseguinte, há uma forte relação de amor e ódio em que a feminilidade se torna a consequência da concordância da castração inconsciente da filha.

Dito isto, salienta-se que pela introspecção da narradora, a barata passa a representar, dentro da perspectiva do feminino, a maternidade. GH se recorda de um aborto e se confunde com esse instinto maternal. Nota-se um prazer da mulher que luta pelo *planctum* porque ela sente os cílios de protozoário neutro batendo em seu ventre. Logo, “a barata é de verdade, mãe. Não é mais uma ideia de barata”, escreve Lispector (1986, p.88). Ao vomitar seus últimos restos humanos torna-se possível a comunhão sagrada que a maternidade representa e a barata seria essa força motriz e universal, simbolizando a vida e a plenitude do *ser sendo* ao conceber outro ser, ao ponto de ser comparada à Santíssima Maria: “Bendita és tu entre as mulheres” (LISPECTOR, 1986, p.88)

No ponto de vista de G.H, a barata caracteriza-se como uma personagem imortal e símbolo do feminino, recebendo o sinal divino por intermédio da fertilidade, em oposição à castração de G.H: “A barata tem um ritual, o ritual é a marca de Deus. E cada filho já nasce com o mesmo ritual”. A barata era a simbologia feminina. Portanto, era “sem nome e deveria ser macho ou fêmea. Eu só pensara como fêmea, pois o que é esmagado pela cintura é fêmea” (LISPECTOR, 1986, p.89, p.112). Neste sentido, ela representa a fecundidade e, mormente, possui a natureza ctônica, ocasionada pela gravidez. Tal característica peculiar pode ser compreendida a partir das ponderações de Camille Paglia (1992), em seu texto *Personas sexuais*. Para a autora, toda mulher é dotada de uma eficácia ctônica. Desde o judeu-cristianismo pôde-se intuir que a mulher simbolizava o reino inferior movido pelo culto da terra para o culto do céu. Ela era o ídolo da magia do ventre e “parecia inchar e dar à luz por si só”. O homem, desde o começo dos tempos cultuava-a, mas também a temia porque a mulher

[...] era o negro bucho que o cuspira como uma defesa contra a natureza feminina. O culto ao céu foi o passo mais sofisticado nesse processo, pois essa transferência do *locus* criativo da terra para o céu é uma passagem da magia do ventre para a magia da cabeça. E dessa defensiva magia da cabeça veio a glória espetacular da civilização masculina, que ergueu a mulher consigo. Até a linguagem e a lógica que a mulher moderna usa para atacar a cultura patriarcal foram invenção do homem. (PAGLIA, 1992, p.20).

A rigor, o corpo feminino, por natureza, sempre foi uma máquina ctônica que Paglia expressa como uma organicidade, tendo em vista a mulher dotada de uma missão que é a gravidez. Logo, a natureza apenas se ocupa em preocupar-se com a espécie, jamais com os indivíduos. Efetivamente, a gravidez demonstra o caráter determinista da sexualidade da mulher, em consequência: “[...] toda mulher grávida tem o corpo e o ego tomados por uma força ctônica além do seu controle. Na gravidez desejada, é um sacrifício feliz. Mas na gravidez indesejada, iniciada por estupro ou

azar, é um horror” (PAGLIA, 1992, p.22). Esse horror pode ser visualizado na figura feminina de G.H, incapaz de conceber filhos. Ela simboliza as mulheres frágeis, inférteis. A maternidade liga-se à matéria viva.

Não obstante, os ovários da mulher (humana) são vazios enquanto a barata (inumana) possui a imensidade de gozos libidinosos por ser a mãe que há milhares de anos consegue fertilizar a terra. Observe-se que GH era responsável pelo aborto e a barata pela fertilização, no seguinte trecho: “Os dois olhos da barata eram vivos como dois ovários. Ela me olhava com a fertilidade cega de seu olhar. Ela fertilizava a minha fertilidade morta” (LISPECTOR, 1986, p.50).

Notadamente, dentro dessa relação maternal, a obra descortina uma espécie de ritual primitivista da vida em constante forma de ciclo que perpetua a união da Trindade: Maria, mãe e filho. Em “Deus, Vida e Morte em A paixão segundo G.H”, Manuela Cook (1999, p.169) explica esta trindade como uma transgressão do sagrado no que tange à relação do ciclo “macho e fêmea”, visto que G.H comete transgressão, ao estabelecer o ato íntimo e afetivo com a barata-mulher. Lembre-se que, na voz da narradora, conforme citado alhures, tudo que era esmagado da cintura para baixo era fêmea e, portanto uma mulher. Entretanto, a transgressão torna-se a condição fulcral para a transcendência. “Transcender é uma transgressão”, escreve Clarice Lispector (1986, p.104).

A representação da linguagem do desligamento e as configurações dos movimentos feministas em *A paixão segundo G.H*

Passando para o plano da linguagem, torna-se relevante ponderar a temática do silêncio e desligamento perpassada pelo drama interior ou pelo mergulho introspectivo da personagem de ficção. Conforme Benedito Nunes (1978), no capítulo “A linguagem e o silêncio”, da obra *O dorso do tigre*, Clarice Lispector busca a linguagem do silêncio como uma estratégia de jogo fracassado porque “o fracasso da linguagem se evidencia nos romances de Clarice Lispector, principalmente [em] *A paixão segundo GH*”. A linguagem vai além dela mesma para expressar o absoluto e o absurdo do Ser primordial, ou seja, ela usa o recurso da “negação da linguagem” para “a transcendência do Ser”. Igualmente, em seu *Drama da linguagem*, Nunes (1989) explica que para ir além da expressão, a narradora realiza a renúncia ascética direcionada a uma experiência altamente mística, de modo que, a matéria viva e a presença do divino se tornem homogêneas.

Efetivamente, observa-se que essa linguagem de afirmação e negação leva GH ao fracasso, por intermédio das palavras, a saber:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu (LISPECTOR, 1986, p.178).

Ora, a linguagem de Lispector exprime o inaudível e o indizível além das forças humanas de G.H que admite esse fracasso. O leitor há de assegurar que, pela linguagem do desligamento, do ato de negação e afirmação, G.H exprime a inexistência e a presença de Deus. Para ela, Deus é tão somente “uma nada” quando afirma: “Tu és com letra maiúscula NADA”. Em contrapartida, revela ao final: “quanto mais precisarmos, mais Deus existe. Quanto mais pudermos, mais Deus teremos” (LISPECTOR, 1986, p.145). Eis um dos pontos da ambiguidade, da negação e afirmação na escritura clariceana.

Sobre a escritura feminina da autora, cumpre dizer que o romance se marca pela força do verbo ser. Importa ao sujeito feminino a expressão do estado em que escreve. Tal verbo remete à impossibilidade da narradora G.H em narrar outras histórias e focalizar apenas em si. Trata-se de um sujeito narcisista que se espelha em fragmentos, típico do sujeito moderno. Esta fragmentação ocorre como uma “falta de centro” que Luciana Borges (1999, p.20), em seu estudo *Aprendendo o EuUniverso Feminino em Clarice Lispector* fez a seguinte análise: a “[...] descentralização aparece em *A paixão segundo G.H.*, no qual a personagem, após um itinerário de sua própria existência, compreende que não é necessário entender, para que se possa viver”.

Assim, tal descentralização pode ser vista no âmbito de um longo processo instaurado pelo verbo ser. Na concepção da narradora, compreender a si mesma equivale ao fracasso de sua própria linguagem, ao expressar nas últimas linhas do romance: “nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que eu digo. Então eu adoro — — — — —” (LISPECTOR, 1986, p.175).

Em *Literatura e psicanálise*, Ruth Silviano Brandão (1996) defendeu que a criação fálica da personagem feminina refere-se ao caráter simbólico que suprime a falta e a ilusão da completude humana. Efetivamente, se a mulher aceita essa irrisão, em consequência,

[...] ela aceita um lugar que a imobiliza e se mumifica, lugar da morte, enquanto possibilidade de seguir o trajeto metonímico do seu próprio desejo.

Se ela se aliena aí, ela também se petrifica, realizando o desejo de um Outro. Identificando-se de forma cabal a esse desejo, ela realiza finalmente o desejo do não-desejo (BRANDÃO, 1996, p.23).

Sob esse prisma, o processo de alteridade do sujeito feminino liga-se ao desejo reprimido e à ausência do gozo outro. A escritura clariceana revela ao leitor que a questão dessa alteridade é crucial. Ao explicar tal processo nos contornos do Eu, Borges (1999, p.97) ainda registra:

Como sujeito enunciativo, a mulher não se constrói como o Outro do homem, ela é um Si-Mesmo, um Eu que fala e que preside seu discurso sobre si e sobre o Outro. A mulher é de tal forma proprietária de seu discurso que pode até mesmo ceder sua voz a outrem, e com este mecanismo, demonstrar a consciência das estruturas milenares de miso-representação do feminino e do impulso falocrático que rege as relações entre os gêneros.

Como se nota na citação, em Clarice Lispector o problema do feminino está na construção da linguagem e é, perfeitamente, por intermédio da enunciação do discurso que *A paixão segundo G.H* se desdobra, ao enfocar temas inquietantes como a opção pelo aborto ou o livre-arbítrio de ser ou não mãe. De certo modo, a autora da moderna ficção brasileira ousa trazer à tona assuntos pungentes e corrobora para uma autonomia expressa pelo discurso questionador feminino, significando a liberdade e a reivindicação das mulheres.

Cumprir ainda realizar outras interfluências dos movimentos feministas e paulatinamente exemplificar com a obra de Clarice Lispector. Iniciando pelos estudos franceses, pode-se apontar a obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980), na qual ela realiza uma densa reflexão das mulheres na sociedade, aderindo-se à premissa sartreana de que na sociedade a mulher não nasce, ela se torna uma mulher. No segundo volume, Beauvoir aborda as dimensões da sexualidade feminina e traça alguns percursos para a libertação da mulher, principalmente ao questionar “o que é uma mulher”. A autora francesa explicita que a mulher sempre teve um papel na história, o qual foi imposto pelo poder masculino em decorrência de ser o outro na vida do homem e, neste contexto, Beauvoir defende que a feminilidade jamais deveria ser como algo do processo da natureza da mulher, mas como uma parte da história cultural em que ela se insere.

No ensaio “Feminismos, feministas e movimentos sociais” de Ana Alice Alcântara Costa (2005) lê-se que os movimentos feministas abriram espaços para discussões pertinentes porque houve um intenso e rigoroso labor das feministas, ao enfrentarem e questionarem certas atitudes políticas e ao serem obrigadas a lidar constantemente com a discriminação, a repressão, as desigualdades e a falta de espaço

para a opinião da mulher na sociedade. Em consequência, o século XX é marcado pela emancipação e luta da mulher contra o autoritarismo machista que procurava manter a mulher sob sua dependência. Surgem as ondas do feminismo com objetivo primordial de batalhar pela igualdade da mulher em relação aos homens.

Veja-se, a propósito e curiosamente, que a figura feminina, traçada pelas mãos de Clarice Lispector, recusa a maternidade. Logo, a veia mestra desse tema universal vem marcada pela cicatriz estéril da mulher que prefere o aborto. Essa prioridade pode ser um forte indício do poder do livre-arbítrio da mulher, ao assumir sua voz na sociedade opressora e machista que apenas observava a mulher como protótipo de reprodução da espécie humana, desde a fundação do livro *Gênesis* até chegar os primeiros movimentos feministas. Nota-se que no romance em questão, a maternidade se liga ao orgânico, à matéria viva da barata e não da mulher. G.H simboliza o aborto, ao passo que a barata, por ter os ovários cheios, representa a fertilidade, trazendo em si as marcas temporais da reprodução e esse é o grande horror de G.H:

Lembrei-me de mim mesma andando pelas ruas ao saber que faria o aborto, eu que de filho só conhecia e só conheceria que ia fazer um aborto. Mas eu pelo menos estava conhecendo a gravidez. [...] Quando chegara a noite, eu ficara resolvendo sobre o aborto. Naquelas noites toda eu aos poucos enegrecia de meu próprio *planctum* e tudo isso seria amor pelo filho? Se era, então amor é muito mais que amor: amor é antes do amor ainda: é *planctum* lutando, e a grande neutralidade viva lutando. Assim como a vida na barata pela cintura (LISPECTOR, 1986, p.87-88).

A exegese válida para esse símbolo imagético da mulher-mãe pode ser feita por via da contradição ou da ambiguidade instaurada no romance. Contrapõe-se à ideologia da mulher puramente para dar à luz a um ser e, por excelência, a mulher marca-se pela figura desdobrável. Ela pode ou não ser mãe (na opção pelo aborto), dona de casa, executiva e ainda a mulher dotada de poder e voz nos partidos políticos. Em outras palavras, o romance mostra que o gozo da mulher não está somente ligado ao fálico, ele vai além da necessidade e “obrigatoriedade” de reprodução da espécie humana. Segundo Nadia Batella Gotlib (1995, p.21), “Clarice Lispector desconstrói a condição negativa de submissão” na relação homem-mulher e, sobretudo, na possibilidade de a mulher ser desdobrável e ter o direito de escolha sobre seu destino.

Outro aspecto fulcral do feminismo⁶ que pode ser salientado é o tratamento diferenciado da mulher negra e a sua possível exclusão de poder na sociedade. Dito

⁶ Registra-se uma das possibilidades de associar este episódio de *A paixão segundo G.H* à terceira onda do feminismo, nos anos noventa, pois ele surgiu como uma reação à segunda onda do feminismo (anos 70) que

isto, observem-se as discrepâncias sociais entre G.H e Janair, a mulher negra que se alojou nos quartos dos fundos. Clarice Lispector, ao estabelecer a comparação da personagem Janair com o Carvão e, ainda permitir que a narradora dirigisse a ela como uma mulher quase sem nome e totalmente sem voz no enredo, conota a presumível ideia de opressão racial, falta de igualdade e diferença, ocasionadas pura e simplesmente pela cor da pele⁷, simbolizando o silêncio da voz feminina:

Um chiado neutro de coisa era o que fazia a matéria de seu silêncio. Carvão e unha se juntando, carvão e unha, tranqüila e compacta raiva *daquela mulher que era a representante de um silêncio como se representasse um país estrangeiro, a rainha africana*. E que ali dentro de minha casa se alojara, a estrangeira, a inimiga indiferente (LISPECTOR, 1986, p.39, grifo nosso).

Curiosamente, elucida-se que a obra de Clarice foi escrita em 1964 e a independência dos países africanos que abriu espaço para o pronunciamento da mulher ocorreu em 1975, posteriormente à *Revolução de 25 de Abril*, fundamentalmente na mesma época dos movimentos feministas no Brasil. Dentro desse contexto de época, a personagem indiferente metaforiza a cisão do silenciamento da mulher oprimida, reprimida e marginalizada pela ditadura militar. O certo é que Janair não representa exclusivamente a figura estranha no retrato da parede como igualmente simboliza a imagem de uma mulher guerreira e batalhadora na história africana. Janair abrevia o nome de *Janatína Iemanjá*, a rainha do mar nos cultos africanos. Para G.H, a mulher negra Janair significava “um silêncio como se representasse um país estrangeiro, a rainha africana” (LISPECTOR, 1986, p.29).

No Brasil, os anos setenta marcaram a situação da mulher, sobretudo a promoção do “Ano internacional da Mulher” (1975) instituída pela ONU que abriu oportunidades para que todas as mulheres, indiferentemente de cor ou raça, pudessem debater a condição e o papel femininos na sociedade. Merece citar o movimento feminista dos anos setenta que nasceu frente ao autoritarismo e a grande repressão dos regimes militares e, mormente, da falta de democracia. Conforme citado alhures acerca do ensaio “O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política”, o grande impacto dos movimentos feministas na sociedade foi a resistência das feministas à ditadura militar. Nesta época,

ênfatizava muito as mulheres brancas de classe média alta e, de certo modo, acabou por “excluir” as mulheres de classe baixa.

⁷ Poderia acentuar no discurso adotado por G.H sobre a rainha africana (Janair, com marcas de carvão) um forte traço do preconceito racial. Curiosamente, note-se que após a extinção do *regime apartheid racial* depois do regime *salazarista* em Portugal, que afetou os países africanos, africano ficou com sequelas psicológicas, sendo marcado na história mundial pela “linha de cor”, conforme demonstra o autor Carlos Serrano (2007) em *Memórias d’África*.

[...] surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar, por conseguinte, intrinsecamente ligado aos movimentos de oposição que lhe deram uma especificidade determinante, sob o impacto do movimento feminista internacional e como consequência do processo de modernização que implicou em uma maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e a ampliação do sistema educacional (COSTA, 2005, p.3).

Ao associar esse movimento feminista à obra de Clarice Lispector, pode-se assegurar que a figura feminina em *A paixão segundo G.H* traduz a voz da liberdade e dos direitos de decisão em dois planos. Por um lado, tem-se na mulher G.H, uma figura múltipla, bem-sucedida que tanto pode ser dona de casa como pode assumir outros papéis no mercado trabalhista e decidir por não ser a procriadora de espécie humana. De outro lado, Janair seria o protótipo da empregada insatisfeita que decide recusar a sua condição social e abandona G.H, simbolizando essa quebra de corrente na exploração da mulher no trabalho.

Demonstra-se, sob esse prisma, a capacidade de mutação da categoria feminina assim como explicitaram as vozes das feministas, ao lutarem contra a postura patriarcal presente na família, nos espaços de trabalho, possibilitando romper fronteiras e criando novos espaços, a fim de “florescer novas práticas, novas iniciativas e identidades feministas”, acrescenta Costa (2005, p.5).

Conclusão

À guisa de considerações finais, compreendeu-se que, com base em Freud, G.H imerge num impulso instintivo e selvagem na busca da felicidade adquirida pela satisfação do desejo do gozo outro lacaniano. Em decorrência de tal instinto, ela simbolizou a constante procura do “sujeito enjaulado”⁸ que penetra num universo de introspecção, a fim de conhecer a si mesmo. No entanto, trata-se de um indivíduo fragmentado, aquele que, para Jacques Lacan, não existe em sua plenitude e radica a necessidade de encontro com o estranho que habita no humano, adentrando-se num segundo gozo. Por isso, a necessidade de conhecimento interior.

Considerou-se que a personagem de ficção se aventurou no âmago de suas cascas, traduzindo o “si mesmo” para se libertar da melancolia e penetrar na “alegria imunda” no que se refere ao nada e ao execrável do sujeito, instaurando o sublime no grotesco⁹. Inferiu-se também que há fortemente os traços da autobiografia nos traçados da figura feminina, porquanto “o nada que cada sujeito se torna” foi visto na

⁸ Cf. nota número 6.

⁹ Cf. Victor Hugo (2010) em *Do grotesco e do sublime*.

representação do sujeito desconhecido e pintado sob o olhar de G.H, ao encontrar os quartos dos fundos da empregada e deparar-se com o inumano que a levaria à luta pelo seu próprio *planctum* ao confessar: “aos poucos enegrecia de meu próprio *planctum* e tudo isso seria mais que amor: amor é antes do amor ainda: é *planctum* lutando, e a grande neutralidade viva lutando”. (LISPECTOR, 1986, p.88). Nesta leitura, entendeu-se que o nada é altamente simbólico e reside na experiência do sujeito em ininterrupto aprendizado com a vida e, portanto, com a existência humana, reiterando as próprias palavras de Clarice Lispector a Olga Borelli (1981, p.16): “estar plena do nada é resultado de uma longa e penosa aprendizagem”.

Ao ponderar o sujeito feminino e a castração, conclui-se, com base em Camille Paglia, que a mulher que G.H foi se tornando possui a natureza ctônica quando se confunde com a matéria inorgânica. Mas concomitantemente evoca a figura do amor pré-edípiano em virtude de sua recusa pela maternidade, uma vez que para Freud a menina sente-se castrada, culpando a mãe por não ter nascido com o pênis e ter que seguir eternamente o destino da feminilidade. Por conseguinte, aflora no inconsciente de G.H o protótipo da mulher castrada.

Em suma, compreendeu-se também que pela introspecção da narradora G.H, a barata caracterizou-se como símbolo da imortalidade e do feminino, recebendo ao sinal divino por meio da fertilidade paradoxalmente à castração de G.H. Isto porque “a barata tem um ritual, o ritual é a marca de Deus. E cada filho já nasce com o mesmo ritual” (LISPECTOR, 1986, p.112). A feminilidade foi empreendida na espécie da barata-fêmea na imagem metonímica do universo-mulher, pois o leitor certifica-se da história de um aborto que se efetivou na juventude, tempo de várias descobertas e perda da maternidade. Imagetivamente, G.H expulsa a morte da mãe mítica e primordial, aquela que ensina, na linguagem do silêncio, que o prazer da mulher não está somente direcionado ao fálico, ele vai além da “obrigatoriedade” de reprodução da espécie humana e Clarice Lispector, feminista por excelência, consegue desconstruir a imagem pejorativa da categoria de submissão na relação homem-mulher.

FRAGA, R. P.; SANTANA, J. A. The psychoanalytic tessitura of subject women and language in off the passion according to GH, by Clarice Lispector. **Revista de Letras**, São Paulo, v.50, n.2, p.507-523, jul./dez. 2010.

- **ABSTRACT:** *This article the objective is to investigate psychoanalytic representation of women in the novel The Passion According G.H [A paixão segundo G.H], in order to consider the themes of anguish, joy, sorrow, melancholy, castration, abortion and daimon are processed in the work of Clarice Lispector. In the novel, we find*

an allegorical narrative of the subject 'repressed feminine and at the same time an explosion of a libidinous multiple subject, marked in the GH character that goes through the cross, as the heroine learns to live to die. The proposal will be regimented with the theoretical Sigmund Freud, Jacques Lacan and the Italian researcher Camille Paglia. Consider will be some notes of literary criticism on the novel by the author: Nadia Gotlib, Olga Borelli, Olga de Sá, Ruth Silviano Brandão, Benedito Nunes, Benjamin Moser, the researcher's doctoral thesis 'Luciana Borges, Maria Rita Kehl and some work on the waves of the feminist movement in Brazil and considerations of Simone de Beauvoir. The article is divided into two parts. In the first, will be discussing the mapping of the subjective language in the pre-oedipal perspective. In part two, the objective is to analyze the representation of language settings and the shutdown of the feminist movement in the novel selected for the corpus.

- **KEYWORDS:** Clarice Lispector. Female subject. Language. Psychoanalysis.

Referências

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2v.
- BORELLI, O. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BORGES, L. **Aprendendo o EU universo feminino em Clarice Lispector**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.
- _____. **Porções de ímpios desejos**: movimentos da narrativa erótica brasileira de autoria feminina. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- BRANDÃO, R. S. **Literatura e psicanálise**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996.
- COMBE, D. La referencia desobrada: el sujeto lírico entre la ficción e la autobiografía. Trad. Angel Abuin Gonzalez. In: ASEGUINOLAZA, F. C. (Org.). **Teorías sobre la lírica**. Madrid: Arco/Livros, 1999. p.127-133.
- COOK, M. Deus, vida e morte em A paixão segundo G.H. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v.19, n.24, p.169-180, 1999.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Labrys**: estudos feministas, Brasília, v.7, jan./jul.2005. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>. Acesso em: 20 jun. 2010.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre o feminino. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. v.22.

_____. O mal-estar da civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. v.21.

_____. Luto e melancolia. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974c. v.19.

GOTLIB, N. B. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Clarice fotobiografia**. São Paulo: Edusp, 2008.

HUGO, V. **Do grotesco e do sublime**. Tradução de Célia Berrentini. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KEHL, M. R. Masculino/feminino: o olhar da sedução. In: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.411-423.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p.93-106.

_____. As formações do inconsciente. In: _____. **O seminário**: livro 5. Tradução de Vera Ribeiro Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. p.56-159.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo GH**. 13.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MOSER, B. **Clarice**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosaf & Naif, 2008.

NUNES, B. A linguagem e o silêncio. In: _____. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1978.p. 93-139.

_____. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

PAGLIA, C. **Personas sexuais**: arte e decadência de Nefertiti a Emily Dickinson. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SÁ, O. de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, J. L. da C. **A estética da melancolia em Clarice Lispector.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SERRANO, C. Resistência e lutas pela independência. In: _____. **Memória d'África: a temática africana em sala de aula.** São Paulo: Cortez Editora, 2007. p.224-268.

TOMACHEVISKY, B. Temática. In: CHKLOVSKY, V. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos.** 9.ed. Tradução de Ana Maria R. Filiposki et al. Porto Alegre: Globo, 1973. p.58-75.

